

Como soa a língua portuguesa

Fernando Venâncio

No ano de 1555, Luís de Camões está no Oriente, aonde chegara pouco antes. Escreve então uma écloga, género pastoril muito do seu gosto, que canta amores e desventuras de pastoras e pastores. Desta vez são protagonistas os pegureiros Umbrano e Frondélio. Através deles, recorda Camões dois amigos do peito já desaparecidos. Vai já longa a écloga, quando Frondélio se dispõe a passar a palavra a uma ninfa, Aónia de seu nome. Muda o interveniente, vai mudar também o idioma. Diz a passagem:

**Morreu-lhe o excelente e poderoso
– que a isso está sujeita a vida humana –
doce Aónio, de Aónia caro esposo.
Ah! lei dos Fados, áspera e tirana!
Mas o som peregrino e piadoso
com que a fermosa Ninfa a dor engana,
escuta um pouco; nota e vê, Umbrano,
quão bem que soa o verso castelhano.**

E é, realmente, em castelhano que, agora, a desventurada ninfa Aónia chorará o seu amado.

**Alma y primero amor del alma mia,
'spíritu dichoso, en cuya vida
la mía estuvo en cuanto Dios quería!
Sombra gentil, de su prisión salida,
que del mundo a la patria te volviste,
donde fuiste engendrada y procedida!**

E por aí vai, chorando e lamentando-se, a desditosa jovem e bela viúva. Com essa página em língua estrangeira se encerrará, também, esta écloga 8ª de Camões.

Caros amigos: dói um tudo-nada vermos este possivelmente primeiro elogio, em texto português, à sonoridade dum idioma ter por objecto uma língua estranha: *Nota e vê, Umbrano, / quão bem que soa o verso castelhano.*

Mas guardemos, de líquido, isto: que os idiomas *soam*, e alguns até soam bem. Faltaria, agora, saber como soa o nosso. Sim, podemos perguntar-nos: qual a sonoridade, agradável ou não, da língua portuguesa?

Ao certo, só poderíamos sabê-lo se conseguíssemos sair dela, ouvindo-a de fora. Não nos será fácil. Mas poderemos tentar um exercício aproximado. Ora ouçam.

O VAGANAU

Quando, nesse dia, a grande zerata se escabajou, fachona e esampada, lastraram-se os macanjos, não os mais coitanaxes, mas os futres. As récegas, ainda mal forjicadas por uns chambris sem galilé, experluxavam todas murzangas e resulhas, debaixo do mesoneiro.

Perto, esbagoavam-se as caiporas no seu ousio brês e solerte, empanzinando o mandil das chedas mais cainhas, enquanto o bom do gerifalte, cada dia mais zambro e somítego, estroncava zarcamente o bajouje.

Onde se entroncava a sancadilha, onde? Empanizava ela com os pegamaços ainda cóscoros, ou alapardava-se nos pelouzanos do galaroz? Malditas búseras, a que nem os piores malcatrefes refertavam. O jagodes choutou novamente as rópias do seu já velho taró e engabelou-se no ralão do codeço.

Nunca mais se eslavoíram as lagóias. E desde esse dia a calhatroz esmoeu toda a sirga que matejara nos olharapos ladravazes da pandorga.

Este texto nunca existiu fora daqui. Estes verbos, e substantivos e adjectivos foram recolhidos, aqui e ali, na obra de Aquilino Ribeiro. Poucos deles vos serão conhecidos, e o mesmo vale para mim.

Desde que fiz este exercício (e já lá vão 40 anos ou mais, vejo-o pela batida numa máquina do meu sogro), desde então tive oportunidade de aprender várias dessas palavras, como *somítego*, *galaroz*, *jagodes*. Mas é exactamente uma genérica inocência perante estes materiais o que nos permite uma impressão (e não mais que isso) de como o português soa.

Haveria outro processo, mais exacto mas também mais trabalhoso. Seria construir uma sequência de efeitos sonoros destituídos de significado, mas *estatisticamente* fiéis às sonoridades da nossa língua. Não o fiz. Baste que o imaginemos.

Comparado com o castelhano (e já vereis os motivos deste paralelo), o português tem duas características bem nítidas: ele brilha pela abundância de ditongos decrescentes e de vocábulos extremamente curtos. Essas duas realidades, havemos de compreendê-lo, estão intimamente ligadas.

Exemplos simples são: o substantivo *pai*, a forma verbal *sai* e o pronome plural *tais*.

A forma patrimonial *pai* conviveu longo tempo com a de *padre*. Ainda hoje falamos em *Deus Padre*, ou ouvimos *rezar um Padre nosso*. Que *pai* tenha

vingado, bate certo, em todo o caso, com aquela tendência do idioma para o ditongo e a curteza do vocábulo.

Os casos de *sai* e *tais* tocam um facto estrutural e histórico do português. Aí, a formação do ditongo foi antecedita da queda duma consoante, neste caso um *L*, entre duas vogais. Os primitivos *sale* e *tales*, ainda muito latinos, perderam esse *L*, passando a *sae* e *taes* (duas sílabas em hiato), que acabaram nos monossílabos *sai* e *tais*. Pois bem, o que aqui vemos em miniatura deu-se muitas centenas, talvez milhares, de vezes na História do idioma.

Caíram os *L* intervocálicos, caíram também os *N* nessas circunstâncias. Vejam-se os latinos *arena*, *lunare* ou *sonare*, que se tornaram *area*, *luar* e *soar*. Mais tarde, *area*, patentemente um hiato, adquiriu um *I* breve de transição, dando *areia*, o que aconteceu em todos os casos semelhantes (é também a razão por que ouvimos, por exemplo, *a i águai* ou *uma pessoa i entra* ou *Alberto Ca i eiro*). A referida queda de *N* intervocálico deu-se, ela também, em centenas, quiçá milhares, de casos.

Podemos perguntar-nos: donde proveio essa sistemática eliminação de *L* e *N* intervocálicos, que acarretou uma tão extensa e tão profunda subversão da economia silábica do nosso idioma? Não o sabemos ao certo. Mas tudo indica que, no território em que se criou a nossa língua, existia um idioma hoje desconhecido, mas falado socialmente, idioma que não admitia *L* e *N* entre vogais.

Ignoramos, também, o exacto momento em que esses ingentes fenómenos se deram, mas é possível um cálculo aproximado. Fi-lo no livro *Assim nasceu uma língua* (que vai em 6a edição, e existe edição galega). Parti de uma série de factores, aduzidos por variados autores noutros contextos. E coloquei essa imensa transformação por volta do ano 600 d.C., portanto numa fase puramente oral da língua e meio milénio antes de um Portugal surgir.

Insista-se: foram esses dois fenómenos que conferiram ao nosso idioma uma feição única e irreduzível. Mais ainda: conclui-se que essas quedas de *L* e *N* se deram num período historicamente curtíssimo, digamos duas gerações, quer isso tenha ocorrido na época que proponho (o século de 600) quer em época anterior mas impossível de determinar. No livro que referi, *Assim nasceu uma língua*, exponho esta magna questão em todo o pormenor.

Para nós, aqui, o mais relevante é isto: foi o desaparecimento dessas duas consoantes que esteve na origem, por um lado, de muitos dos nossos mais correntes ditongos e, por outro, desses nossos vocábulos tão compactos.

Comecemos por estes últimos. A queda do L latino conduziu a formas como *só, mó, dó*, ou *má e pá*, ou *cor e dor*. ou *dói, mói, sói*. A queda do N latino, por seu lado, originou *lã, rã, sã, vã, cãs, bom, tom, som*, ou ainda *ter e vir*. Todas estas palavras têm em castelhano, não uma, mas duas sílabas: *solo, muela, duelo, mala, pala, color, dolor, duele, muele, suele*, ou então *lana, rana, sana, vana, tener, venir* etc. E todas estas formas castelhanas têm, como se vê, os LL e NN *en su sitio*...

O outro efeito das eliminações de L e N, a formação de ditongos é, ela também, espectacular. Vemo-lo sobretudo em formas de plural como *sinais, principais, anéis, fiéis, sóis*, ou *mãos, pães, razões* e, como eles, muitos e muitos.

Existem, depois, o que chamaríamos 'acumulações de ditongos'. Vemo-las em *saem* (que soa saiem), *caem* (que soa caiem), *têm* (que soa tẽiẽi), *vêm* (que soa vẽiẽi). Esse I, não escrito mas pronunciado, acha-se igualmente em *desejo* que rima com *beijo*), *igreja* (que soa igreja), *fecho e desfecho* (que rimam com *deixo*) e um bom número de outros casos. Do mesmo modo, inserimos um I em *texto, êxito, êxtase, externo, ex-marido* e semelhantes.

Na realidade, onde quer que possamos, introduzimos um I, criando ditongos. Uma vez, como vimos, esse I não é escrito, outras vezes acabou por escrever-se, como no citado caso de *areia* e em inúmeros outros: *seio, peixe, veiga*. Fomos mais longe ainda: onde não havia um I que formasse ditongo, arranjámo-lo. Vejam-se *mãe e pôe*, escritos com um E que soa "i". Outro tanto de dá em *Caetano*, que soa "cai". O mesmo acontece nos ditongos nasais de terminações plurais, já citados, do tipo de *razões e pães*, ainda grafados com o E original, mas de há muito pronunciado "i". Eram hiatos, que foram resolvidos criando ditongos. E temos, ainda, os casos, especialmente curiosos, de homofonias do tipo de *ócio e ósseo*, ou *serial e cereal*.

*

A propósito do E átono que soa "i", permitam-me uma breve digressão autobiográfica. Quando, a partir dos 10 anos, este inocente infante alentejano/lisboeta se instalou num seminário em Braga, viu-se submetido

a várias, e humilhantes, torturas linguísticas. Uma delas tirava pretexto da minha pronúncia do E átono como "i". Eu dizia *perdô*i**, como no fado de Amália «Que Deus me perdoe», a rimar, aí, com «E nada me dói». Pois não, senhores. A pronúncia correcta (a deles, claro) era *perdôu'*, com um U breve anti-hiático. E um conjunto de animais especializados em "roer" eram *ru'dôr's*, não *ruidôr's*, a ridícula pronúncia deste bárbaro. Hoje, verifico que o *Dicionário* da Academia lhes dá razão, aduzindo efectivamente *ru'dôr's*. Mas confesso-me incapaz de assim articular. Que Deus me *perdô*i**...

Levava-se-me a mal, também, pronúncias como as de *riu Dô-ru*, que devia ser *ri-u Dôuru*. A respeito de tudo isto, os meus queridos condiscípulos esgrimiam uma argumentação inquestionável: Portugal tinha sido fundado ali – e aquela era, portanto, a única pronúncia portuguesa admissível. O argumento era puxado pelos cabelos, mas eu, na altura, confessava-me sem resposta.

*

Os hiatos, como situações incómodas que são, tendem a resolver-se, e já vimos algumas soluções. Uma consiste em criar, a partir de duas vogais em sílabas diferentes, um ditongo. Dou mais dois exemplos, estes clássicos: *vaidade* (que tinha sido va-i-dade) e *saudade* (que tinha sido sa-u-dade). Recorde-se a canção açoriana que diz: «Ó tirana Sa-u-dade. Sa-u-dade, ó minha Sa-u-dadinha».

Em todos estes casos, trata-se, convém lembrá-lo, de ditongos *decrecentes*. São de longe os mais abundantes em português, em contraste com o castelhano, em que predominam os ditongos *crescentes*: *quiero*, *fuego*.

O ditongo EI, um dos mais frequentes, é pronunciado entre Coimbra e Lisboa *âi*. Assim, dizemos *sâi*, *falâi*, *bâijo*, *tâixto*, *âixtra*. Poderia supor-se recente esta realização, mas não é. Já por 1820 ela foi assinalada, e é possivelmente ainda anterior, como muitas outras coisas que levaram o seu tempo a ser assinaladas.

Dá-se, mesmo, o caso de, no português europeu, rimarem *bem* ou *tem* como *mãe*. Dou o exemplo já clássico de *O menino da sua mãe*, de Pessoa.

(Agora que idade *tem*?)
O menino da sua *mãe*.

Que volte cedo e *bem*!
O menino da sua *mãe*.

[Porto Santo, / o teu nome fica *bem*, / por isso eu te quero tanto / como quero à minha *mãe*].

Recordo, a propósito, que certos pares de palavras tendem a ser indistinguíveis, como *lanho* e *lenho* ou *sanha* e *senha*. Numa edição dum romance de Lobo Antunes (é um exemplo autêntico), lemos *lenho* onde claramente deveria estar *lanho*.

*

Vemos por vezes afirmado que a pronúncia brasileira das vogais seria a pronúncia do tempo de Camões. E dão-nos um exemplo, o do verso:

E se vires que pode merecer-te

Temos um decassílabo, contamos 10 sílabas. Mas a nossa pronúncia europeia reduz essas 10 sílabas a 4.

i svirs q pod mrcer-t

Faço aqui uma observação. "Fechamento" ou "apagamento" são noções mais propriamente impressionistas. Trata-se, nuns casos, de elevação vocálica e, noutros, de eliminação dum som. Veja-se a sílaba inicial dum vocábulo como *estar*. Podemos pronunciar *istar*, e temos aí uma elevação, ou então pronunciar *'star*, e dá-se a simples eliminação dum som vocálico.

De resto, o nosso E revela-se uma vogal imensamente versátil em português. Observemos uma palavra como *esqueceste*. Tem quatro E e todos os quatro soam diferentemente: *ish-kè-sêsh-t'*. Serviria perfeitamente como 'shiboleth', ou palavra-passe, para caçar espanhóis. *Shiboleth* era a palavra com que os hebreus identificavam estranhos: se um não a pronunciava correctamente, não era hebreu. Os holandeses usavam para os alemães *Scheveningen*, o nome da praia da cidade de Haia.

*

Existe uma generalizada convicção de que esse apagamento ou fechamento do E pré- ou pós-tónico, e a própria a elevação do vocalismo átono, se

teriam dado em português em momento posterior ao período camoniano. Não compartilho essa opinião. E tenho para isso duas razões. Uma é de tipo simples, a outra um tanto mais trabalhosa de explicar.

A razão simples é esta: esse fechamento das vogais átonas dá-se também, e de modo muito semelhante, no galego genuíno, aquele que se ouve a pessoas idosas em recuadas aldeias da Galiza. Ora isso só pode significar que nós, ao herdarmos a língua criada na Galiza, herdámos também a sua sonoridade. Há uma consideração paralela, pela negativa. É esta: se a pronúncia portuguesa quinhentista fosse outra que não o fechamento das vogais átonas, teria de haver, em território europeu, alguma reminiscência disso, alguma pronúncia local do tipo de *dêsêspêrar*, para dar um exemplo extremo. Pois bem, essa pronúncia não existe em recanto algum do português europeu. Tudo isso indica que o nosso fechamento ou apagamento vocálico é um fenómeno antiquíssimo.

Havia também, disse eu, uma explicação mais trabalhosa, Vamos a ela.

Conhecem o verso duma cantiga alentejana que diz

Ceifeira que andas à calma,
à calma, ai, ceifando o trigo.
Ceifa as penas da minh'alma,
ceifa-as e leva-as contigo.

Estes dois últimos versos são preciosos. Eles soam, também cantados,

Ceifàs pena da minh'alma,
ceifàs e *levàs* contigo.

Que temos aqui? Um A aberto pela fusão de dois A fechados, resultado normalíssimo (é a chamada 'crase'). Bem menos normal é isso verificar-se numa sílaba átona: *ceifàs*, *levàs*. Assim pronunciamos, de facto, naturalmente. Dizemos, por exemplo, «A *minhàmiga moràqui*». Dizemos também «É mau *comàs* cobras», «*Nuncò* vi», «*Deixòs* falar», «É *comò* outro» e semelhantes.

Estas aberturas pré-tónicas são estranhas à *economia silábica* do português europeu, e por isso significativas, inclusive numa perspectiva histórica. Vamos observá-lo.

Repare-se no primeiro A de *cadeira*, de *cavalo*, de *pradaria*. É um «â» fechado, a situação normal, portanto. Mas repare-se no primeiro A de

padaria e de *padeiro*: esse é aberto. Porquê? Ele resultou da fusão (duma crase) de dois A que ficaram em contacto directo após a queda dum antigo N, ainda audível no cast. *panadería, panadero*.

Isto dá-se também com o E. Pronunciamos *aquècer* (havia um L em *adcalescere*, que caiu, levando ao hiato ca-escere). Também pronunciamos *esquècer* (aqui havia um D intervocálico, que foi eliminado). Coisa semelhante se deu em *crèdor, vèdor*. E dá-se também com o O. Pronunciamos, igualmente, *còrar* (havia um L em *colorare*, e disso sobra essa pré-tónica excepcionalmente aberta).

Existem, mesmo, pares de palavras em que aquilo que as distingue é essa abertura pré-tónica. Pensemos em *pegada* e *pègada*, em *pregar* e *prègar* (nos segundos termos, houve a queda dum D) ou em *corretor* e *corrector* (aqui sinalizado graficamente por *-ct-*). Da mesma maneira, o O de *colar* soa "u", enquanto o de *còrar* soa aberto.

Em português brasileiro, os pares *pegada* e *pègada*, *pregar* e *prègar*, *corretor* e *corrector* são homófonos. O E soa «ê». E tanto em *colar* como em *corar* o O soa «ô». Assim soam, em princípio, os E e O pré-tónicos em português brasileiro. Isto vale, igualmente, para *aquecer*, *credor* e *vedor*. Na norma brasileira, o A pré-tónico soa "á", pelo que o primeiro A de *pradaria* e de *padaria* soa aberto.

É necessário insistir. Estas pronúncias abertas em sílaba átona, e mais exactamente pré-tónica, vão em contra-mão da nossa norma europeia, e mesmo assim mantêm-se de pedra e cal. Isso faz-nos admitir serem pronúncias antiquíssimas. Elas mantiveram-se precisamente por *contrastarem* com o generalizado fechamento de A, E e O pré-tónicos, fechamento já necessariamente reinante aquando da queda de L e N, e também D, o que, como vimos, se deu por volta do ano 600 d.C., ou até antes. Sendo assim, a pronúncia portuguesa de Quinhentos (a da época dos *Lusíadas*) era, já, a dum generalizado fechamento das vogais pré-tónicas. Portanto, muito semelhante à nossa pronúncia de hoje. Sim, um ouvinte quinhentista terá tido, como nós, dificuldade em distinguir, por exemplo, «Basta *querer*» de «Basta *crer*».

Importa, pois, não ceder a uma interpretação da História como avanço rumo à decadência. Antigamente é que era bom... mesmo quando esse *antigamente* é inventado. Pelo contrário: a História é, habitualmente, a duma conservação, a duma estabilidade, não a de convulsões, de catástrofes, tudo cenários muito românticos, mas enganadores.

A mais curiosa, e mesmo tocante, explicação para o nosso fechamento vocálico foi-me dada há tempos por uma senhora em Mértola (a vila em que moro, e em que nasci). O fechamento das vogais, contou-me ela com cara de caso, deve-se a que os portugueses, com medo da Inquisição, falavam baixo, bichanavam, e isso fechou as nossas vogais...

Não, as coisas deram-se há muito mais tempo. Esse *aquècer*, esse *crèdor*, esse *còrar*, são autênticos fósseis, conservados num cenário de generalizado fechamento, aquele que já reinava no espaço do nosso idioma há pelo menos 1500 anos. Essas aberturas foram passando de geração em geração, conservando-se intocadas até hoje... Pense-se, aliás, nesta mesma palavra *geração*, em que fechámos um E, que, contudo, ainda se vê pronunciado *gèração*, evidentemente não por acaso.

Efectivamente *gèração* é uma pronúncia muito genuína. A tendência para um uniforme fechamento já conduziu a pronunciarmos *g'ração*, como *g'rar*, como *g'rador*. É sobretudo a sul que se acha essa pronúncia *gèração*, junto com outras aberturas como em *mèstrado* e *ecònomia*. Noutros casos, é a norte que se abre, como em *màior* ou *vàcina*.

Em matéria de E átonos, tanto pré- como pós-tónicos, a geral *imagem sonora* do português europeu é, efectivamente, a dum marcado fechamento. Tomemos palavras, todas monossilábicas, como *fliz*, *l'var*, *p'dir*, *q'rer* (que, como vimos, praticamente se confunde com *crer*), *m'lindr*, *v'lhic*, *d'sp'dir*, *r'p'lir*.

Exemplo máximo de fechamento vocálico são as formas oblíqua de pronomes como *me*, *te*, *se*, *lhe*, ou a preposição *de*, ou as conjunções *se* e *que*. São palavras cujo som é inteiramente consonântico.

Este bizarro monossilabismo português europeu pode ir bem mais longe. Veja-se uma palavra como *desesperante*. Contamos 5 sílabas: *de-ses-pe-ran-te*. Mas essa é uma abordagem laboratorial. Na prática, na nossa pronúncia espontânea, não vigiada, *desesperante* conta uma só sílaba: [dzʃp'rêt]. O mesmo se verifica em *predecessores*, que tem, também ela, uma única sílaba: [prds'sorʃ]. Assim falamos, de facto.

Uma situação deveras extrema foi assinalada pelo excelente gramático brasileiro Marcos Bagno. Veja-se uma sequência como *a necessidade de dedicar-se*. Eu articulei com o cuidado que se viu. Mas, na prática, a sequência soa, em boca portuguesa, *a nsidadicar-s'*. Isto é, entre outras coisas, os cinco D vêm-se reduzidos a dois.

Ou seja: bastantes vocábulos nossos são uma sequência, por vezes longa, de sons consonânticos, com um esparso som vocálico, o da sílaba tónica. O próprio O final, que quando articulado soa "u", tende a apagar-se. Falando espontaneamente, dizemos qualquer coisa como *Vam's tod's junt's*. Também não articulamos *Tenho quatro lindos netos*, mas *Tenh quatr lind's net's*. Num anúncio recente («Pedala com a Cofidis», encontrável no YouTube), ouvimos uma voz de comentário que diz: *Estam's tod's sempre a temp' de fazer melhor*. Nesta frase, as únicas vogais átonas articuladas acham-se em *a* e *fazer*. Recorde-se, ainda, que o canto alentejano é conhecido como o *cante*.

Mais um exemplo nesta área. Uma sequência como *Força aérea* reúne alguns destes pontos de interesse. Ninguém pronuncia *for-ça-a-é-re-a*. Ou só um robô, e nem dos mais modernos... E que observamos, na nossa pronúncia espontânea? Primeiro uma crase em *forçà* e depois um E que soa "i" em *aéria*. Na realidade, uma *área* geométrica e uma *ária* musical soam iguais. E não nos admiremos se ouvirmos *for çà i é ri a*, com um I anti-hiático, em que somos uns ases.

Só mais uma curiosidade. Repare-se em como elidimos o S final de palavra em sequências como *Coisa mai linda!*, ou *Tem dua rodas*, ou *Dá-me a chaves*.

*

Falámos já, demoradamente, de ditongos. Mas deixámos esquecido o mais frequente deles em português: o *ão*. Ele é a imagem de marca, tanto visual como sonora, mais identificadora do idioma. Curioso é ele soar quando escrito (como em *gostarão*) e quando não escrito (como em *gostam*, *gostavam* e *gostaram*).

É, de facto, um ditongo omnipresente, uma «espécie invasiva», como lhe chamei num capítulo inteiro que dediquei a este ditongo em *Assim nasceu uma língua*. É uma autêntica praga que se apoderou da língua portuguesa, Mas tem, também é verdade, uma história apaixonante.

Esse ditongo apareceu, ao longo da História, onde podia esperar-se (como em *razão*) e onde não podia (como em *mão* ou *pão*). Uma forma latina como *amplitudine* deu *amplitude*, mas igualmente *amplidão*. E com este sufixo *-idão* terminam dezenas e dezenas de palavras: *aptidão*, *brusquidão*, *certidão*, *exactidão* e por aí fora, *lentidão*, *multidão* até *servidão*, *solidão*,

vastidão, tudo criações portuguesas que tanto o castelhano como até o galego desconhecem.

A própria grafia de *ão* revelou-se, para os nossos escrivães medievais, um verdadeiro quebra-cabeças. Sim, como pôr por escrito uma sonoridade tão rebarbativa, que mais nenhuma língua românica conhecia? Resultado: na nossa Idade Média, só o *ão* final de *irmão* recebeu cerca de 20 grafias diferentes, qual delas a mais fantasiosa.

Nada mais espectacular, também, do que a relação dos portugueses com esse ditongo. Um autor do século XVII, Álvaro Ferreira da Vera, escrevia em 1631 que tinha sido esse ditongo a granjear à nossa língua a fama de «grosseira». Injustamente, achava ele. Em 1728, o grande lexicógrafo Raphael Bluteau concederá encontrar-se em *ão* algo de rude e áspero, mas, anotava ele, os idiomas necessitariam disso para a sua, dizia ele, «consonância». E Bluteau recordava, sem o nomear, um bacharel, José de Macedo, que em 1710 publicara, sob pseudónimo, um volume de 400 páginas, *Antídoto da língua portuguesa*, todo dedicado a propor o simples banimento do ditongo *ão*. Ele deveria ser substituído (e são meros exemplos) aqui por *one* (*sermone, ladrone*), ali por *ano* (*vilano, escrivano, coraçano*), além por uma solução achada em Entre-Douro-e-Minho (*enchero, negaro, penduraro*). E este Macedo transcrevia uma longa écloga de Camões com estas e outras «correções».

Baldadas 400 páginas, belamente impressas em Amesterdão (eu tive o volume na mão, dele fotografei uma boa parte... hoje está todo digitalizado na página da BN). Baldado esforço, sim: o problemático ditongo continua de pedra e cal. A verdade é que o incómodo não amainou. Ainda no século de Setecentos, o estrangeirado Cavaleiro de Oliveira (ou Chevalier d'Oliveira) considerava *ão* uma «grosseria» do português, que importaria eliminar, e António Dinis da Cruz e Silva, autor de *O Hissope*, chamou-lhe mesmo «canino monossílabo». Ainda em 1916 o ensaísta Hipólito Raposo o declara «o ditongo mais característico e mais feio da língua portuguesa». Mas já em 1911 os sábios da grande Reforma ortográfica tinham posto ordem na questão, estabelecendo a grafia *ão* em sílaba tónica (*pensão, casarão, satisfação*) e *am* em sílaba átona (*pensam, casaram, satisfaçam*).

No meio de tudo isto nada haverá, ou terá havido, de que devamos lamentar-nos? A meu ver, existe, sim, uma perda histórica em sonoridade. Refiro-me às formas verbais da segunda pessoa do plural, correspondente a *vós*, hoje sobrevivendo em Entre Douro e Minho. Todos as conhecíamos das conjugações escolares, mas foi para mim um deslumbramento, aos 10 anos, em Braga, poder ouvi-las em boca de gente viva.

Formas como *vós andais, falais, passais*, ou *vós andáveis, faláveis, passáveis*, ou *andai, falai, passai*, ou esses sugestivos *vós ides, tendes, ponde*, ou *ide, tende, ponde*, ou *vades, tendais, ponhais*... Tudo isso se viu abandonado, e acha-se hoje definitivamente perdido, em 90% do território nacional. São, eram, fonte de musicalidade, de colorido, na nossa fala. É certo que as formas pronominais de *vós* estão a salvo (Avisem os *vossos* pais, Ele vai convidar-*vos*, Chegou isto para *vós*, Contamos *convosco*). Mas aquelas cantantes formas verbais vão, mesmo no reduto noroeste, desaparecendo a cada dia que passa.

*

Ainda uma observação, rematando esta breve prospecção de *como soa a língua portuguesa*.

Repare-se na seguinte série: *aselha, bera, caturra, cegueta, chalupa, choninha, empata, estróina, fatela, forreta, lorpa, maneta, pelintra, pilantra, pulha, rasca, sacana, safardana, trafulha*. Que mostram eles em comum, estes termos? Que todos terminam num A átono, que têm uma semântica pouco elogiosa e que se aplicam predominantemente a indivíduos masculinos.

Não é tudo ainda. Reparemos, agora, em *pacóvio, palerma, papalvo, parolo, pascácio, paspalho, patarata, patego, pateta*, e poderíamos continuar. Que observamos aqui? De novo uma predominância do género gramatical masculino, uma semântica pouco elogiosa e um início em *pa* átono.

Pareceria existir, assim, uma correlação entre sonoridades e uma dada significação. Dir-se-ia, mais concretamente, que o português explora determinados sons iniciais ou finais como formas de depreciação. Como se essas sonoridades fossem, por si mesmas, detentoras de significado. É uma constatação decerto tentadora, mas não menos perigosa, pois daria aval a uma concepção *essencialista* dos signos linguísticos, e nós aprendemos que eles são arbitrários. Que as formas não têm significação em si mesmas. Que não há palavras que, *pela sua estrita forma*, fossem mais, ou menos, adequadas para significar isto ou aquilo.

Este princípio, o de as formas *não* serem por si mesmas adequadas ou deixarem de sê-lo, contém uma vantagem. Deixa de haver palavras feias, ou bonitas. Deixam de ter sentido lamentos como «Ai, *vocês* é tão feio», ou

dum, num, ou dois *que* quase seguidos (tudo exemplos reais em debates no Facebook). O idioma deixa, assim, de ser um campo de flores risonhas e de cardos espinhosos.

Na realidade, quando percorremos listas das 10 ou 20 palavras «mais bonitas» ou «mais feias» da língua portuguesa (no Google existem várias dessas listas), verificamos uma constante: «bonitas» são aquelas que designam realidades agradáveis (*amor, saudade, céu, pôr-do-sol*) e «feias» aquelas que nos recordam realidades incómodas ou repulsivas (*escroque, furúnculo, nauseabundo, conspurcar*, exemplos autênticos). Estamos, aqui, perante raciocínios circulares. Projectamos sobre inocentes palavras o agradável ou desagradável daquilo que elas designam.

O meu colega e amigo, o linguista e tradutor Marco Neves, convidou os frequentadores do seu blogue *Certas palavras* a aduzirem vocábulos que achassem 'feios'. Encontramos ali, entre outros, *picheleiro, cônjuge, sobranceira, coima, repudiar, contabilidade*. Noutras listagens, damos com *fulano, padraço, escaravelho, goela, alavancagem* e um ror doutras. O cúmulo acha-se em *empoderamento*. Consta de duas listas dum mesmo autor, uma, a das palavras mais feias e, outra, a das palavras mais 'poderosas' da língua portuguesa.

*

Meus senhores e amigos:

Vimos dar, assim, ao sítio onde frequentemente acabam estes debates: a *conversa de café*, essa onde saem vitoriosas as afirmações primárias, falhas de rigor, quando não irracionais. Gosto, não gosto, mas não me perguntem porquê.

O nosso tema, aqui, foi *Como soa a língua portuguesa*. As várias respostas que viemos dando pretendiam ser genéricas, válidas para qualquer falante do português europeu. Pusemos de parte, tanto quanto possível, diferenças regionais, ou sociais, ou outras mais dificilmente classificáveis. Dou um exemplo quase banal. Metade dos portugueses (e entre eles eu) servem-se da pronúncia sul-europeia do R forte, aquele que se ouve em *roda*, em *carro*. Assim pronuncia, é um bom exemplo, o presidente Marcelo. Os restantes, a maioria, servem-se hoje do R que diria parisiense, dizendo *roda* e *carro*. Não sem consequências. Certa vez, estava eu a ser entrevistado, e a senhora da produção bichanou em redor que eu falava 'dialecto'...

Existe, depois, aquela diferença que nasce da qualidade de voz, que umas vezes é cultivada, bem timbrada, quente, cheia de nervuras, de insinuações, numa palavra, a chamada voz *radiofónica*, de que o Luís Caetano é tão excelente exemplo, e outras vezes, o nosso caso, o dos restantes, uma voz não educada, aflautada, que nada lembra de quenturas, nada insinua. É que também esta circunstância pode ser decisiva na sensação de um idioma ser mais, ou ser menos, agradável ao ouvido.

Espero que o ponto de partida aqui, esse de *Como soa a língua portuguesa*, se tenha revelado de suficiente sentido, e até, quem sabe, proveitoso. Nisto, importará que nos mantenhamos comedidos e discretos. Ainda assim, nestas coisas, nunca fará mal mostrar-nos um tudo-nada ousados e, sobretudo, curiosos.

Muito obrigado.

Porto Santo, 10 de Junho de 2022